

Literaturas africanas: Ficção, inscrições do feminino e geografias narrativas

Os artigos que os leitores da Revista Entrelaces recebem, nesta parte especial sobre Literatura Africana, são provenientes da disciplina HGP8055 Literatura Africana de Expressão Portuguesa, do Programa de Pós- Graduação em Letras da UFC, ofertada no ano de 2021, e se vinculam ao meu atual projeto de pesquisa: “Espaços da Recordação: escritas femininas na literatura africana”.

Partimos mesmo do questionamento do título da disciplina: Literatura africana de expressão portuguesa. Por que não pensar essas escritas como literaturas africanas de Língua Portuguesa ou em Língua Portuguesa? Por que não observar a constituição dessas literaturas em seus processos de autonomia e não mais de um olhar com resquícios coloniais?

José Saramago no documentário “Língua: vidas em português”, dirigido por Victor Lopes, em 2011, afirma que quanto mais palavras soubermos mais amplo será o nosso vocabulário. Certamente, nos países que falam a língua portuguesa as vidas não são vividas da mesma forma e nem mesmo as suas literaturas são as mesmas. Há um mundo de palavras a se desvelar para nós leitores.

Os artigos selecionados nos permitem pensar sobre essas expressividades singulares e refletir sobre as ficcionalidades dessas literaturas africanas e como nelas se inscrevem os lugares do feminino (Oyéwùmí). Ao desconstruir narratividades (Barthes) homogêneas e temporalidades lineares, essas ficções inscrevem outras geografias (Said), entrelaçam linhas vitais (Ingold), seja no papel ou no chão, que nos apontam para outras formas de conhecer, habitar e narrar o mundo.

No artigo *Assimilação como libertação*: as construções identitárias femininas no romance *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane, escritora moçambicana agraciada no ano de 2021 com o Prêmio Camões de Literatura, Kessya Batista Silva, busca por meio da história das três mulheres da mesma família narradas, expor os resquícios do colonialismo e a autonomia de uma história africana. A construção da identidade ou as incertezas que as perpassam são apresentadas como a possibilidade de questionar as engrenagens do sistema colonial e o que ele do ponto de vista histórico e

socioantropológico usurpou.

Em *No fundo do canto, guinidade e distopia na poesia pós-colonial de Odete Semedo*, John Alves, mergulha na poesia e analisa as múltiplas representações da *guinidade* como sentimento de pertencimento à nação guineense e os questionamentos às amarras coloniais. Lídia Castro, no artigo *Recordação e poesia: caminhos que se cruzam na obra de Casimiro de Abreu e Noémia de Sousa (1926-2002)*, retoma os *Poemas da infância distante* e *Um dia*, da obra *Sangue Negro* (2016) e os coloca em diálogo com o poema *Meus oito anos*, d' *As primaveras* (1859), de Casimiro de Abreu (1839-1860), poeta brasileiro. “Nos três textos o eu lírico evoca lembranças infantis e paisagens da terra natal que nutrem a saudade e o desejo de retorno às origens”. Rememorando a infância, ambos os poetas inscrevem em seus textos o desejo de liberdade e a exaltação à pátria mesmo distantes geograficamente de sua terra natal.

Finalmente em *O Fio da ficção em Línguas que não sabemos que sabíamos de Mia Couto*, Kleber Rocha investiga o quanto há de ficção e de linguagem poética no ensaio “Línguas que não sabíamos que sabíamos” publicado no livro *E se Obama fosse africano?* de Mia Couto. Entre a ficção e o real, o escritor retoma as línguas locais de Moçambique e seus acontecimentos cotidianos para mostrar como o fantástico ali é e faz realidade.

Esperamos que os leitores aproveitem o convite para conhecerem um pouco sobre as escritas de Paulina Chiziane, Odete Semedo, Noémia de Sousa e Mia Couto, através do olhar de nossos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação da UFC. O pintor Paul Klee citado por Tim Ingold (2012, p. 26) afirma que “a arte não reproduz o visível, ela torna visível”. A partir disso, podemos pensar com Ingold, que ela não lida com formas acabadas e estabelecidas, ela traz à tona forças que unem e dão forma. A literatura africana nos abre possibilidades de encontrarmos nas fissuras da história outras possibilidades de conhecer mapeamentos diversos das experiências e de nossas origens. As escritas femininas, sobretudo, abrem-nos para outras geografias e para outras inscrições do vivido.

Profª. Dra. Cristina Maria da Silva ⁸⁷

⁸⁷ Profª. Dra. Cristina Maria da Silva – Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais - UFC e do Programa de Pós-Graduação em Letras -UFCE. Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP). Pós-doc em Antropologia (UNICAMP). Pós-doc em Letras/Literatura Africana (PUC-MG).